

A antiga fortificação, que os portugueses chamaram Quelba e os povos árabes Khor Kalba, ocupava área de planície arenosa, a leste das montanhas Hajar, hoje em exclave do Emirado de Sharjah, na costa nordeste da Península Arábica, correspondendo ao limite do Golfo de Omã, no noroeste do Oceano Índico.

O arqueossítio localiza-se nos limites da actual cidade de Kalba, uma das urbes costeiras orientais dos Emirados Árabes Unidos, perto da fronteira com o sultanato de Omã.

A fortaleza de Kalba e a povoação foram tomadas por Gaspar Leite em março de 1624, segundo António Bocarro (1646, fls. 138, 139), seguindo ordens do capitão-mor de Ormuz, Rui Freire de Andrade.

Aquele acontecimento reflete a estratégia económica e militar desenvolvida pelos portugueses no Golfo Arábico e zonas próximas, neste caso justificada pela reconquista da Ilha de Ormuz em maio de 1622, uma vez que Kalba estava sob o domínio do seu sultão, como é mencionado em texto de Manuel Godinho de Herédia (ca 1625). Kalba era então governada por Casmí, “um mouro de grande fama”, certamente, antepassado do atual emir de Sharjah, e, tanto quanto se sabe, não terá havido confronto direto.

Os portugueses edificaram um novo forte, com pequenas dimensões e por certo que, sobretudo, com as funções de entreposto comercial, perto de Kalba, em Khor Kalba. Até onde as informações literárias e arqueológicas permitem concluir, o período de soberania daqueles não durou mais de duas décadas.

A proximidade do forte de Quelba/Khor Kalba da beira-mar e nomeadamente tanto junto ao oceano Índico como ao rio Kalba, permitindo ancorar embarcações, constituía ponto de apoio à sua navegação, principalmente durante a época das monções, tanto mais que o local dispunha de água potável e era propício à interação comercial, explica a sua construção. Tal como aconteceu em outras zonas costeiras vizinhas, o novo edifício seguiu as antigas regras de localização, estabelecidas por Diogo Lopes de Sequeira e datadas de 1508.

As campanhas de escavação efectuadas entre 2017–2020 em Quelba/Khor Kalba, pela Missão Arqueológica Portuguesa, com o apoio da Autoridade Arqueológica de Sharjah e do Instituto de Arqueologia e Paleociências (Universidade NOVA de Lisboa), conduziram à descoberta dos vestígios do há muito desaparecido forte português. Este foi arrasado ao nível do solo, tendo sido possível determinar que possuía planta de forma quase quadrangular, medindo cada lado aproximadamente 50 m, orientados, grosso modo, norte-sul e este-oeste, estando defendido por torre de planta circular no canto sudeste, com 8 m de diâmetro. O canto sudoeste apresentaria, provavelmente, torre com forma e tamanho semelhantes aos daquela. As muralhas tinham 2,60 m de espessura desconhecendo-se se existia parapeito, tendo sido construídas em taipa, sobre fundações de pedra de coral e argamassa de cal, e talvez tivessem as superfícies rebocadas. Este tipo expedito de processo construtivo, também utilizado nas torres angulares, tem longa tradição em diferentes continentes, nomeadamente no Próximo Oriente, que persistiu até à Idade Moderna e mesmo mais tarde, sendo muito usado pelos portugueses. A entrada principal no forte abria para sul, onde foram encontrados elementos de construção, de pedra de coral e de outras qualidades, com grandes dimensões, ou as suas marcas, correspondentes às fundações das paredes. No exterior do alicerce da muralha a sul foi detectada camada abundante de conchas, depositada pelas marés,

The ancient fortification that the Portuguese named Quelba and the Arab peoples Khor Kalba, occupied a flat sandy area, east of the Hajar Mountains, in what is now an exclave of the Sharjah Emirate, on the north-eastern shore of the Arabian Peninsula, corresponding to the edge of the Oman Gulf, in the north-western Indian Ocean.

The archaeological settlement is today located in the limits of the Kalba city, one of the eastern coastal towns of the United Arab Emirates, close to the Oman Sultanate border.

The Kalba fortress and the settlement, was taken by Gaspar Leite in March 1624, according to António Bocarro (1646, fls. 138, 139), following the orders of the Major Captain of Hormuz, Rui Freire de Andrade.

That event reflects the economic and military strategy developed by the Portuguese in the Arabian Gulf and surrounding areas, in this case justified by the reconquer of Hormuz Island in May 1622, since Kalba was under the dominion of its sultan, as it is mentioned in a text by Manuel Godinho de Herédia (ca 1625). He says that Kalba was governed by Casmí, ‘a Moor of great fame’, perhaps, an ancestor of the current emir of Sharjah, and, to the best of our knowledge, there was no direct confrontation (on the word *Moor*, it was the designation given by the Portuguese to the Muslim peoples from North Africa, Levant, Arabian Peninsula and India. The word derives from the North African region named Mauritania and was used first by the Romans (*maurus*).

The Portuguese built a new fort, with small dimensions and, certainly, with the functions of trading post, near Kalba at Khor Kalba. As far as the literary and archaeological information’s allow to conclude, that his sovereignty period was maintained only for no more than two decades.

Quelba/Khor Kalba’s proximity to the seashore, the Indian Ocean and the Kalba Creek, allowed for the anchorage of vessels, constituted a support point for their navigation, mainly during monsoons season, as the site had fresh clean water and was conducive to commercial interaction, thus explaining this erection. Has it has occurred with other places at the coastal overseas areas, the new building follows the old rulings set established by Diogo Lopes de Sequeira and dated 1508.

The 2017–2020 excavation campaigns in Quelba/Khor Kalba by the Portuguese Archaeological Mission, with the support of the Sharjah Archaeology Authority, and the Institute of Archaeology and Palaeosciences (NOVA University of Lisbon), led to the discovery of the remains of the long gone fort Portuguese. It was raised to ground level, and was possible to determine that he had an almost-square plan, each side measuring approximately 50 m, oriented roughly north-south and east-west, defended by a circular plan tower in the southeast corner, with 8 m in diameter. The southwestern corner would also probably present a tower with a similar shape and size. The ramparts had 2.60 m thick, and were built with rammed earth, coral stones on the foundations, and lime mortar, perhaps with plastered faces. We do not know if there was a parapet walk added. This kind of expeditious building process, also used in the angle towers, has a long tradition in different continents, namely in Near East, which persisted up until the Modern Age and even later, very used by the Portuguese. The main entrance was open to the south, were we have found built elements, like coral and other stones large sized blocks, or his impressions, corresponding to the foundations of walls. Outside the south foundation wall an abundant layer of shells was found, which derived from tides deposits, aspect corroborated by the local tradition that states that →

aspeto corroborado pela tradição local que ainda hoje afirma que o antigo forte era frequentemente invadido pelas águas oceânicas, o que levava à sua deslocação, para local não muito afastado e onde se mantém.

Não sobreviveu nenhum vestígio da casa do capitão ou de outras estruturas aéreas significativas. No interior da taipa das paredes foram encontrados fragmentos de cerâmica, algumas do século XVII, que nos fornecem importantes pistas cronológicas, suportando a origem portuguesa do forte de Khor Kalba, possivelmente erguido sob as ordens de Gaspar Leite em *ca* 1624.

Durante as escavações arqueológicas, foram postos à vista, restos de pavimentos feitos com gesso ou cal, contendo por vezes pequenos seixos, tanto no interior como no exterior das muralhas da fortificação, mas nas suas proximidades, e tanto no seu lado oriental como no lado sul. Estes são horizontais, com superfícies planas, repousando nas areias que correspondem ao antigo nível habitado, mostrando buracos de postes, alguns constituindo alinhamentos, por vezes dispostos em paralelo. Eles denunciam a existência de casas, edificadas com troncos e ramos de palmeira tamareira (*arish*), espécie muito comum na zona e de grande importância económica.

Tais casas (*barasti*) teriam plantas retangulares, as maiores com 5 m a 6 m de comprimento no eixo principal, encontrando-se principalmente orientadas este-oeste, sendo idênticas às estruturas habitacionais, construídas da mesma forma e utilizadas até meados do século passado, nomeadamente por populações de pescadores da costa de Kalba.

Identificaram-se pavimentos idênticos no forte português de Libédia/Bidyah (Emirato de Fujairah), também construído na costa, sob as ordens de Mateus de Seabra (1623), com taipa e dimensões semelhantes às do antigo forte de Quelba/Khor Kalba.

Na área interior do forte Quelba/Khor Kalba, encontrou-se poços, com boca redonda, restos de quatro fornos (*tannūr-s*), construídos com pedras e terra, um deles reutilizando grande pote de cerâmica, e dezanove lareiras. A morfologia destas pequenas estruturas de combustão, em fossa, variava, refletindo as suas funções, uma vez que podem corresponder a pontos de iluminação e aquecimento ou a locais onde os alimentos eram cozinhados e consumidos.

O conteúdo principal das lareiras é obviamente areia queimada, mas também foram encontrados pequenos fragmentos de cerâmica, peças osteológicas de mamíferos, peixes e crustáceos, assim como conchas de moluscos, em alguns deles, revelando a sua função na preparação de refeições.

Foi identificada pequena depressão escavada no solo, utilizada como lixeira, contendo vários artefactos ou fragmentos descartados, de cerâmica, vidro, pedra e metálicos, nomeadamente moeda safávida de bronze, alfinete de cabelo e fragmento de espeto, também de bronze, contas de concha, ossos de pequenos mamíferos, de peixes e conchas de moluscos.

Os restos de recipientes de cerâmica encontrados na zona do forte têm diversificadas origens, características e formatos diferentes, desde panelas, jarros para água e taças, produzidos em oficinas locais ou regionais, até peças vidradas importadas do Omã e Irão ou porcelana da China. Foram também exumadas fusaiolas e marcas de jogo de cerâmica, pequeno queimador de incenso, de bronze, contas, de vidro e concha, fragmentos de pulseiras, de aplicadores de *kohl* e de garrafas de vidro.

O abundante espólio recuperado, além de oferecer importante cronologia, situada nos séculos XVII-XVIII, também revela forte interação comercial e fluidez cultural, por certo onde se terão privilegiado as rotas marítimas. [Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes, Rui Carita]

the old fortress was frequently invaded by the Ocean's waters, which led to its replacement, to a place not too far away, where it remains.

No remains of the captain's house or from other significant aerial structures survived. Inside the walls' rammed earth, some 17th century ceramic sherds were found and they provide us important chronological clues, supporting the Portuguese origin of the Khor Kalba fort, possibly made under the orders of Gaspar Leite *ca* 1624.

During the archaeological excavations, the remains of plaster floors made with gypsum or lime, and sometimes containing small pebbles, were put into view, both inside and outside the fortification wall remains, in its vicinity, on its eastern and southern sides. They are horizontal, with plain surfaces, resting on the sands that correspond to the ancient habitable level, and showing postholes, some constituting alignments, sometimes arranged in parallel. They denounce the existence of houses, made of logs and branches of the date-palm trees (*arish*), a very common species in the area and of great economic importance.

Such houses (*barasti*) would have rectangular plans, the biggest with 5 m to 6 m in main axis length, appearing mainly oriented east-west, being identical to housing structures, built in the same way and used until the middle of the last century, namely by fishing populations from the coast of Kalba.

Plastered floors were found at Libédia/Bidyah Portuguese fort (Fujairah Emirate), also built in the shore, under the orders of Mateus de Seabra (1623), with rammed earth and displaying similar dimensions than the ancient Quelba/Khor Kalba fort.

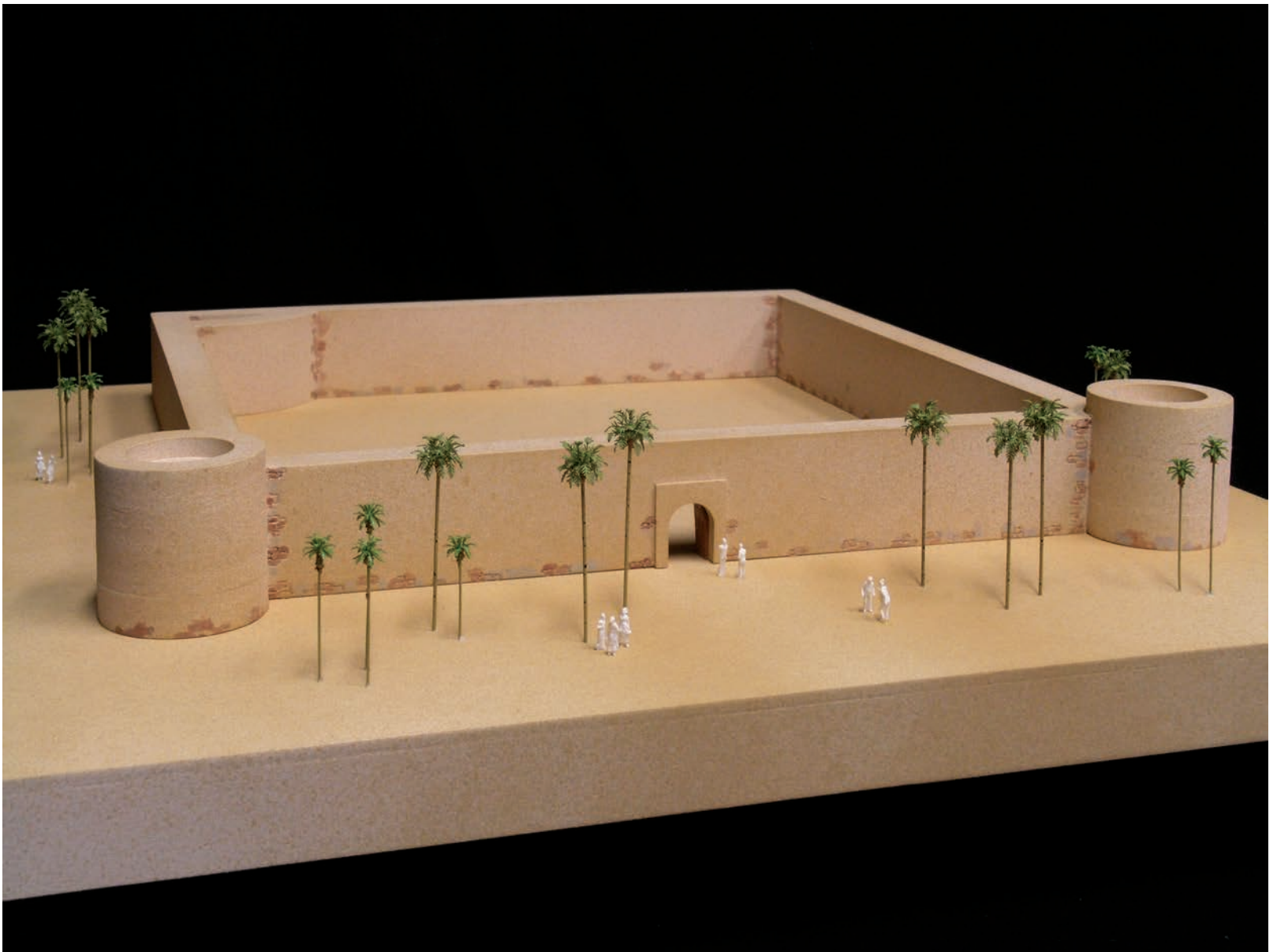
At the Quelba/Khor Kalba fort inner area, we found a round mouth well, the remains of four ovens (*tannūr-s*), made of stones and earth and reusing a large ceramic jar, and nineteen fireplaces. The morphology of these small pit structures varies, reflecting their functions, as they can correspond to lighting and heating spots or to places where food was cooked and consumed.

The main content of the fireplaces are obviously burned sand, but small ceramic sherds are also frequent, mammal, fish and crustacean osteological pieces, as mollusc valves are also present in some of them, denouncing his function in the preparation of meals.

A small dug soil depression, used as refuse pit was found, containing several discarded artefacts or fragments made in ceramic, glass, stone and metal, namely a Safavid bronze coin, a hair pin and a spit fragment, also in bronze, shell beads, bones of small mammals and fishes, as well as mollusc shells.

The ceramic vessel sherds found in the fort area have diversified origins forms and characteristics, from cooking pots, water jars and bowls, produced in local or regional workshops, to imported ceramics from Oman and Iran, to China porcelains. Ceramic whorls, discoid game pieces, a bronze incense burner, glass and shell beads, bracelets, kohl applicators and bottle fragments were also found.

The abundant artefactual collection recovered, in addition to offering an important chronology, located in the 17th–18th centuries, also reveals a strong commercial interaction and cultural fluidity, where the maritime routes would have been privileged. [Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes, Rui Carita]



30

Maquete do forte de Quelba/Khor Kalba

Projeto: Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes e Rui Carita

Realização: NORIGEM — Estudos e Projectos de Arquitectura, Lda

PVC e acrílico

Escala 1:200

38 x 38 cm

Model of the fortress of Khor Kalba

Project: Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes and Rui Carita

Production: NORIGEM — Estudos e Projectos de Arquitectura, Lda

PVC and acrylic

Scale 1:200

38 x 38 cm

101